

Memórias de um Enfermeiro na Guerra (1)



*Caía a tarde entre “Nova Coimbra e Lunho”. Estávamos a 26 de Novembro de 1970. Desenrolava-se a Operação “DONINHA 3” e as tropas iam progredindo em fila indiana falando cada um da sua sorte. De repente surgem dois guerrilheiros da FRELIMO caminhando em direcção a nós. Todos nos atirámos para o chão em posição de emboscada. Eles caminhavam, aproximando-se cada vez mais perto das tropas sem darem por isso. Inesperadamente, surgem tiros dos nossos homens. O Capitão Nunes lançava granadas **com morteiro 60** em todas as direcções. Entretanto ouve-se gritar! - Enfermeiro! Enfermeiro! Há um ferido. Ao ouvir esta solicitação digo ao homem das transmissões que se encontrava a meu lado:*

— *Cobre-me. Tenho que ir lá baixo. E fui.*

Quando cheguei deparei-me não com um camarada ferido, mas sim com um guerrilheiro da FRELIMO. A bala tinha-lhe perfurado o frontal. A sua posição era a de deitado no solo balbuciando algumas incompreensíveis palavras, talvez a pedir que o salvassem. Como era meu dever preparava-me para o socorrer. Enquanto abria a bolsa sinto uma palmada nas costas. Olho para trás e dois soldados africanos das nossas fileiras apontam-me o dedo indicador com um gesto ameaçador e dizem:

— *“Não fazer curativo não, isso poder fazer falta para nós”. Penso duas vezes e, cobardemente, desisti.*

Quando me afastei, olhando mais uma vez para trás, vi vestígios de sangue. Afinal houve dois feridos mas um deles teve melhor sorte pois apenas sofreu ferimentos ligeiros, tendo conseguido fugir. Vi, também, camaradas meus espoliando o ferido retirando-lhe a roupa e deixando-o completamente nu!

Começou a cair a noite. Afastámo-nos do local e fomos acampar a uma certa distância dali. O Manél” das transmissões era o meu colega de tenda. Era um rapaz muito religioso que rezava sempre antes de se deitar. Estava ele nas suas orações e dois trovões se fizeram ouvir. Passados segundos uma forte chuva torrencial desabou sobre aquela zona. O Manél” fez uma pausa e exclama: - “Grande chuvada! E aquele desgraçado lá em cima todo nu. Eu, ainda não recomposto e talvez com remorsos de não ter dado cumprimento ao meu dever que era socorrer quem precisava, bruscamente, respondi:

— *Reza! Reza e deixa lá o homem!*

Tentava dormir mas não conseguia! Eu e o Manél íamos conversando de tudo que nos vinha à cabeça até que ele me fez uma confissão dizendo diz:

— *Ó Cadete, que lindo serviço eu fiz! Quando me pediste para te fazer cobertura estive todo esse tempo sem bala na câmara!*

Eu apenas respondi:

— *Sentia-me mais seguro se tivesses um pau na mão!*

Entretanto adormeceu!

Eu, também um pouco elevado no sono, senti qualquer coisa a subir no meu braço esquerdo. Julgando tratar-se de alguma formiga, fui ao encontro dela com a minha mão direita com o objectivo de a matar. De repente sinto uma forte dor. Retiro da bolsa de enfermagem a lanterna de pesquisa de feridos e constatei que não se tratava de qualquer formiga mas sim de um lacrau. Tinha sido picado pelo escorpião e, como as dores eram muitas, tiveram que me trazer ao quartelamento. Assim andei, quase oito dias, de braço ao peito. Seria castigo de Deus?

A imagem do homem e o meu procedimento perante o ferido arrasavam o meu pensamento todos os meus dias! Por que não fiz o que devia? Por que cedi àquelas pressões? Teria o homem morrido por falta de assistência? — Perguntava, constantemente, a mim próprio.

Passei o resto da comissão com este peso na alma e ainda hoje me martiriza.

Era assim naquele tempo! A guerra, justa ou injusta, naquela altura, nela tínhamos que participar!

Fernando Cadete

Enfermeiro/2667